

ENSAIOS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NACIONALISMO NO SÉC. XX

Candice Pascoal*

Leonardo Teles*

Luiz Gustavo Vianna*

Marco Antônio Quadros*

Ricardo Nunes*

Prof^a Orientadora:

Dra. Sônia Cavalcanti**

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise do termo nacionalismo e como este se apresenta na atual situação política mundial. Fizemos um estudo da origem do conceito, a evolução das ideais nacionalistas e analisamos as suas mais importantes representações no mundo contemporâneo.

Palavras-chave : Política, Nação, Nacionalismo, Nazismo, Sionismo.

Um breve histórico: nação e nacionalismo

“Nationalism is a blend of patriotism and the doctrine of popular sovereignty, a blend which resulted in the assumption that man’s ultimate loyalty belongs to the national state in which he lives and in which he wishes to live.”

Carlton J. Hayes

Faz-se de substancial importância à compreensão do termo nacionalismo, um estudo prévio da palavra “nação” e do seu significado. *“Os últimos dois séculos da história humana são incompreensíveis sem o entendimento do termo ‘nação’ e do vocabulário que ele deriva”* (HOBSBAWM, 1998, p. 11). Entende-se por nação, o conjunto de indivíduos que habitam o mesmo território, falam a mesma língua, têm os mesmos costumes e obedecem à mesma lei, geralmente da mesma raça. É o povo de um país ou Estado (excluindo-se o governante). A sociedade politicamente organizada que adquiriu consciência de sua própria unidade e controla, soberanamente, um território próprio.

* Estudantes do 3º ano de Administração com Habilitação em Comércio Exterior da UNIFACS. Leonardo Teles e Marco Antônio integram o Núcleo de Estudos Sociais da Cidade - CORDIS/UNIFACS

** Sônia Maria Ribeiro Simon Cavalcanti é Doutora em História pela PUC/SP, professora da UNIFACS – cursos de pós graduação e de graduação -, integra o CONSEPE – Conselho de Ensino e Pesquisa da UNIFACS, coordena o Núcleo de Estudos Sociais da Cidade – CORDIS/UNIFACS e é a atual Adjunta do Reitor para Extensão da UNIFACS.

A palavra “nação” deriva dos termos latinos *nasci* (nacer) e *natio* (natural de um lugar ou lugar de nascimento). Os cognatos diretos seriam palavras como “natal” ou “natureza”, algumas das quais aparecem indiretamente em muitos discursos nacionalistas. Refere-se, portanto, às pessoas ligadas pelo nascimento, ou pelo local de nascimento.

A idéia de “nação” emergiu como uma notável força política no séc. XVIII na Europa. Ela se espalhou para as américas e ,no surgimento das mudanças sócio-políticas do ano de 1848, para a Europa central. A década de 1860, observou o surgimento de diversos novos auto-intitulados Estados-nações: um reino unido na Itália, um novo império na Alemanha, uma dupla monarquia na Austria-Hungria e uma reorganização política na Rússia dos Czares. Esta época também testemunhou a criação de uma autoridade central nos EUA e um Canada unido. Nas últimas décadas do século, o nacionalismo se espalhou através da Europa e dos EUA. Na Ásia, por exemplo, surgiu o novo Império “ocidentalizado” do Japão. A palavra “nação” surgiu nas universidades medievais, significando grupos de estudantes de uma mesma origem. Desde o começo do seu uso moderno, a palavra denota um grupo de pessoas e se refere à sua origem geográfica comum. Mais tarde, também denotaria a lealdade e apoio destes para com o seu governo.

Nas épocas medieval e moderna, as pessoas se mostravam leais à sua cidade, Estado, domínio feudal, à localidade, à região ou aos grupos religiosos. A ascensão do nacionalismo implicou uma importante mudança na “lealdade”: ele forja fortes laços de lealdade entre as pessoas e o Estado. No cerne do conceito, está a idéia de que todos cidadãos devem a sua lealdade suprema à nação e às suas representações institucionais. “O patriotismo está há muito presente nas tradições políticas ocidentais – como é evidente no capítulo de conclusão de “O Príncipe”, de Maquiavel, e em diversos textos de Rousseau e Herder” (KNUTSEN, 1997). O nacionalismo, entretanto, foi criado no final do século XVIII na Europa, para reforçar as individualidades cultural, lingüística e étnica dos povos.

Benedict Anderson (1983) vê as nações como “comunidades imaginárias”. Ele traça o seu surgimento junto com o crescimento da padronização das línguas e seleciona a imprensa escrita como uma das mais significantes do seus fatores de encorajamento. O advento da imprensa dissolveu antigas “lealdades”, já que incentivou a reforma e quebrou o poder unificado do Papa.

O filósofo Rousseau expressou um nacionalismo democrático que expunha as revoluções na Europa Ocidental. Os argumentos de Rousseau foram revitalizados durante a Revolução Francesa, durante a qual eles fizeram uma fusão com as potentes novas forças de mobilização de massa. A confluência é evidente na *levée en masse* (do francês levantar a massa, insuflar ânimos). Esta ordem invocou os valores e a glória da pátria a mobilizar a população francesa e colocar todos os franceses (homens) à disposição do exército.

J. G. von Herder propõe um nacionalismo romântico que expunha as lutas políticas travadas no leste europeu. Usando o revolucionário princípio *levée en masse*, Napoleão transformou as “guerras limitadas” do séc. XVII nas guerras “totais” do séc. XIX. Ele conquistou a Europa Central e oriental e impôs os ideais democráticos ocidentais do Iluminismo nos conquistados. Oposição aos invasores franceses significava oposição às teorias iluministas que eles representavam, e levava os invadidos mais e mais ao romantismo de Herder.

Nas regiões orientais da Europa, então, o anti-ocidentalismo, romantismo e nacionalismo, são conceitos que se confluíram. Alguns estudiosos alemães observaram a fé universal na razão humana e na participação popular que eram inerentes ao Iluminismo Francês, eles se aproximaram da idéia particularista de Herder de que cada indivíduo possui um espírito coletivo próprio.

A ênfase de Herder na linguagem, na cultura e no espírito foram levantados como pontos importantes ,e o seu conceito de *Volk* (povo alemão) foi idealizado. Durante o século XIX, argumentos similares aos de Herder, tomaram força. Tais idéias, ganharam uma notável intensidade na Alemanha, onde as noções de *Volkgeist* (o espírito próprio) e *Volkstum* emergiram como explosivas idéias políticas. Em uma reação contra as ameaças do militarismo francês, e do mercantilismo britânico, os ideólogos alemães pesquisaram a fundo sobre as distintas qualidades do seu próprio *Volksgeist*. Eles criaram uma ideologia alemã, de acordo com a qual os alemães possuíam mais profundidade espiritual do que material ou “importações intelectuais ocidentais”.

Hegel alegava que o servo, conhecendo o seu próprio papel e do seu mandatário, é mais sábio que o seu mandatário, que conhece apenas o seu. Hegel e Clausewitz¹ notaram que enquanto os monarcas do séc. XVIII acharam difícil criar um entusiasmo popular para a diplomacia ou guerra, os do séc. XIX descobriram como utilizar o conceito de *Volk* para mobilizar o apoio

da massa. Clausewitz achou interessante que, enquanto os exércitos do séc. XVIII possuíam entre 10.000 e 70.000 homens, Napoleão encontrou uma forma de mobilizar mais de um milhão de soldados.

Durante o séc. XVII, a interação internacional foi largamente dinástica. Os reis da Europa negociavam territórios de forma relativamente simples, de acordo com as regras do casamento e da guerra, e prestavam pouca atenção aos habitantes dos territórios negociados. No séc. XIX, os líderes nacionalistas insistiam que as vontades dos habitantes eram os únicos critérios que deveriam ser utilizados para o delineamento das fronteiras. Aqueles que pertencem ao mesmo grupo étnico, falam a mesma língua, deveriam habitar o mesmo território.

A partir deste argumento, os movimentos de independência nacional se espalharam pela Europa e pela América. Eles surgiram, não pela preocupação dos reis com o território, mas pela auto-determinação dos povos. Tornaram-se o interesse dos povos, ainda de acordo com Clausewitz. A partir de então, o resultado das guerras dependiam não apenas da riqueza das nações, mas também da sua vontade, dos seus interesses.

No início do século XIX, o nacionalismo tinha um caráter progressivo. O movimento foi construído em cima da idéia de que todos os cidadãos devem a sua secular “lealdade suprema” à nação e às suas instituições representativas. O nacionalismo difundido no final do séc. XIX, foi largamente associado ao conservadorismo. Os primeiros movimentos nacionalistas, como os da Alemanha e da Itália no séc. XIX, tinham como principais preocupações a construção de Estados grandes e poderosos, e a extinção dos pequenos principados existentes.

No século atual, os nacionalistas se preocuparam mais com a derrubada do governo imperial ou colonial (muitos dos países em desenvolvimento testemunharam movimentos nacionalistas que objetivavam a criação de Estados independentes) e com a sua separação de um Estado já formado.

Movimentos europeus recentes, como os dos escoceses, dos bascos e de várias minorias ou nacionalidades da antiga União Soviética, mostram o nacionalismo sob a forma de movimentos separatistas. Liberais e socialistas freqüentemente tendiam a menosprezar o nacionalismo, considerando-o um fenômeno que surgia dos mais primitivos elementos da

¹ O Barão Carl Philipp Gottlieb von Clausewitz (1780-1831). Grande pensador militar alemão. Considerado um dos teóricos conservadores das Relações Internacionais.

natureza humana, mas poucos atualmente negariam o poder de mobilização dos sentimentos nacionalistas.

Diferentes definições de nacionalismo

Em uma recente pesquisa, criaram-se grupos de discussão a fim de se elaborar uma definição de nacionalismo. Os participantes destes grupos, deram suas opiniões do que viria a ser nação, e também nacionalismo. O principal objetivo deste estudo é realizar uma troca de diferentes opiniões e sendo assim se poder, então, verificar qual a mais adequada.

No grupo 1, a opinião deles quanto ao que vem a ser nação é de um grupo de indivíduos que cresceram e se desenvolveram juntos, falando uma mesma língua, território, costumes, tradições, valores socioculturais, etc. Quanto a nacionalismo, eles definem com uma percepção ideológica do mundo com um ponto de vista de uma nação. Uma forma extrema de um sentimento de um cidadão. Uma forma degenerada de patriotismo.

De acordo com o grupo 2, nação é um grupo de seres humanos com certas características igualitárias que os fazem sentir como uma população. Já nacionalismo, é uma atitude fruto de um convívio em uma nação que pode ter resultados positivos ou negativos.

O grupo 3 não terminou sua discussão sobre o que vem a ser nação, mas muitos concordaram que para se construir uma, necessita-se de uma língua, valores e costumes em comum. E nacionalismo é um sentimento coletivo de pertencer a uma identidade cultura tradicional.

No grupo 4, não se definiu o que vem a ser nação, no entanto eles definiram nacionalismo como uma consciência de um povo pelo seu vínculo no convívio em comunidade, o que faz com que haja uma necessidade por uma independência, igualdade de direitos, etc. O nacionalismo pode ser positivo ou negativo, e se pode enxergar mais claramente a definição do que vem a ser nacionalismo quando o negativismo ou o positivismo encontra-se no seu extremo.

Para o grupo 5, nação possui a mesma definição das anteriores (mesma língua, território, cultura, história, etc.). Já nacionalismo eles definem como um sentimento de viver em uma nação que pode se expressar de diferentes maneiras

Estado-nação

Entidade territorial e social formada pela superposição ou coincidência quase absoluta entre a estrutura política de um Estado e a realidade cultural e ideológica que constitui uma nação. Em outras palavras, o Estado-nação designa a existência, dentro dos limites geográficos governados pelo Estado, de uma população ligada entre si por um sentimento de comunidade histórica, lingüística, religiosa ou racial que a faz considerar-se uma “nação”. Esta noção está diretamente associada ao conceito moderno de autodeterminação dos povos, sendo considerada uma manifestação dos vínculos que unem o povo e um instrumento para a construção de um destino comum.

O Estado-nação constitui uma comunidade política soberana, cujas instituições são reconhecidas como legítimas pela imensa maioria. A identidade nacional está presente em grande parte do conteúdo dos símbolos, rituais, comemorações e monumentos estatais, e quase todos os Estados procuram (nem sempre com sucesso) avivar o sentimento nacional através do sistema educacional, dos meios de comunicação de massa, do serviço militar etc.

Os Estados-Nação começaram a surgir na Europa no início da era moderna; hoje, com base em práticas de reconhecimento mútuo e de participação em organizações supra-estatais e internacionais, tornaram-se norma quase universalmente aceita. No entanto, as entidades Estado e nação não coincidem necessariamente. Há diversos exemplos históricos de nações que não instituíram estruturas políticas estatais (como entre vários povos indígenas norte-americanos), assim como de Estados que congregam mais de uma nação, ou apenas uma parcela da comunidade nacional. É este o caso de vários Estados modernos africanos, que, por razões históricas ligadas ao domínio colonial europeu e ao processo de descolonização, ganharam fronteiras que não correspondem às divisões étnicas e culturais, o que é frequentemente fonte de conflitos, crises e instabilidade.

Nacionalismo no mundo

O nacionalismo está expresso em diversos países na atualidade, em alguns países mais que outros. Todavia, há alguns grupos nacionalistas de interesse internacional :

NAZISMO

“Com a derrota da Alemanha em 1945, o Terceiro Reich caiu por terra, embora Hitler tivesse prognosticado para ele uma vida de mil anos.. Com o império nazista desapareceu também um mundo de vício e corrupção, de verdadeiro pesadelo que, infelizmente, foi bastante real, e deve ser reconhecido para uma lição para o futuro.”

Rouben Frank Lucke

Ideologia do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Alemanha, que governou a Alemanha sob Adolf Hitler de 1933 a 1945. Combinava duas doutrinas essenciais: a crença fascista na unidade nacional, garantida por um estado unipartidário no qual o líder supremo personifica o desejo nacional, e a crença racista na superioridade do povo ariano, que sustentava que as outras raças (como os eslavos e judeus) deveriam ser subjugadas - e, caso necessário, exterminadas.

A derrota de Hitler e a reação mundial à sua política genocida, levaram ao desaparecimento do nazismo das principais correntes políticas. Ele mantém, no entanto, influência em determinados grupos marginais de extrema direita. O nazismo é um exemplo claro de ultranacionalismo. Uma Alemanha sofrida pela guerra encontra um líder que insufla os ânimos coletivos, introduzindo na massa a idéia de que a raça ariana é a raça mais pura e, portanto, possui o direito de dominar as demais, a fim de impor os seus ideais.

Através de um controle de massa, no estilo *levée en masse*, Hitler consegue criar um nacionalismo em uma Alemanha que os levou a menosprezar as questões étnico-culturais dos demais povos e perseguir um povo que detinha o poder econômico na época. Trata-se de um nacionalismo exacerbado, uma excrescência do proposto. É um nacionalismo que desconsidera as questões individuais dos povos, essas mesmas questões que eles utilizaram para “levantar os ânimos” dos alemães.

Sionismo

“a people of spasms, of upheavals, of ideas, the race of individual genius...Their largest manufacture was of creeds.”

Movimento que defendia o retorno dos judeus à Palestina. Iniciou-se, em 1897, sob a liderança de Theodor Herzl. Depois dos *pogroms* (ataques contra minorias religiosas, raciais ou nacionais, freqüentemente contra os judeus) russos de 1881, Leo Pinsker escreveu um panfleto (“*Auto-Emancipação*”), clamando pelo estabelecimento de uma colônia judaica na Palestina. O sionismo assumiu um caráter político, principalmente através de “*O Estado Judeu*” (1896), de Herzl. A conclusão da Declaração Balfour, em 1917, e a concessão do mandato sobre a Palestina à Grã-Bretanha deram novo ímpeto ao movimento.

Durante o período do mandato (1920-48), a Organização Sionista Mundial, sob a liderança de Chaim Weizmann, desempenhou um papel importante no desenvolvimento da comunidade judaica na Palestina, facilitando a imigração com investimentos (especialmente em terras) e através da Agência Judaica. As atividades sionistas nos EUA tiveram influência na conquista de apoio do Congresso e da Presidência, no período 1946-48, para a criação do Estado de Israel.

Historicamente, Israel é o primeiro nome que aparece no Velho Testamento da Bíblia, como uma denominação adicional dada por Deus a Jacó, ancestral dos hebreus. Provavelmente significa “aquele que lutou com Deus”. Os hebreus que ocuparam a Palestina nos séculos 12 e 11 a.C. chamavam a si mesmos “os filhos de Israel” e suas divisões tribais receberam os nomes dos filhos de Jacó. Estes nomes são quase sempre em número de 12 e incluem Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulon, Dan, Naftali, Gad, Aser, José e Benjamim. A tribo de José é por vezes subdividida em Efraim e Manassés.

Israel foi também o nome dado ao reino que Saul, Davi e Salomão governaram entre c.1020 e 922 a.C.. Posteriormente, foi o nome do reino hebreu do norte, que desligou-se do reino de Judá, com centro em Jerusalém e que cobria o território de todas as tribos, exceto a de Judá (e partes da de Benjamim). Este reino foi derrubado pelos assírios em 721 a.C..

Após o retorno dos judeus do exílio na Babilônia, o nome de Israel foi utilizado mais genericamente para a nação judaica. O moderno Estado de Israel desenvolveu-se a partir da campanha sionista internacional por um Estado judaico na Palestina. Em 1937, a Comissão Peel recomendou a partilha da Palestina e a formação dos Estados judeu e árabe. Subseqüentemente, a Grã-Bretanha abandonou a solução da partilha mas, após o

encaminhamento da questão da Palestina à ONU, em 1947, a Comissão Especial da ONU recomendou a partilha e a resolução passou à Assembléia Geral.

O mandato britânico terminou em 14 de maio de 1948 e o Estado judeu independente de Israel foi criado na Palestina. Os árabes palestinos, apoiados pela Síria, Líbano, Jordânia e Egito, opuseram-se à criação de Israel mas, após um violento conflito, Israel sobreviveu e aumentou consideravelmente seu território às custas do Estado árabe proposto.

O problema dos refugiados palestinos surgiu quando muitos árabes foram impelidos a abandonar o território controlado por Israel. Guerras árabes-israelenses posteriores ocorreram em 1956 (Guerra do Suez), 1967 (Guerra dos Seis Dias), 1973 (Guerra de Iom Kippur) e 1982 (Guerra do Líbano). Como resultado destes conflitos, Israel ampliou sua ocupação e incluiu todo o território do antigo mandato britânico.

Depois de 1948, Israel recebeu levas de imigrantes de mais de 100 países, constituindo-se principalmente de judeus de países comunistas e árabes, bem como da Europa, aumentando a população de cerca de 700 mil, em 1948, para 4,2 milhões em 1985. O líder de direita do Partido Likud, Yitzhak Shamir (1915-), liderou o governo (1986-92), opondo-se firmemente a qualquer concessão ao problema palestino.

Sob o governo de seu sucessor como primeiro-ministro - o líder do Partido Trabalhista, Yitzhak Rabin (1922-95) -, desenvolveram-se, tendo sido assinados acordos em conversações diretas com os palestinos, a partir de 1993, e com os jordanianos, conquistando, assim, algum progresso em direção à paz. No entanto, o assassinato de Rabin por fundamentalistas judeus e a ação terrorista de grupos palestinos radicais como o Hisbolá e o Hamás voltaram a ameaçar o tão almejado acordo de paz.

Baseados em crenças, a criação de um Estado Judeu é um movimento nacionalista secular. Foi criado neste século, o Estado de Israel, que pretendia a volta dos Judeus à sua terra natal. A criação do Estado israelense, entretanto, não serviu como um fator finalizador das constantes disputas desses povos com os árabes. Até hoje, tenta-se assinar um acordo de paz entre esses povos, que vivem em uma disputa secular de território.

Ira (Exército republicano irlandês)

Organização terrorista que lutou pela república unificada da Irlanda. Originalmente criada pela fraternidade feniana nos EUA, foi revivida pelo Sinn Fein (“Nós Mesmos”), em 1919,

como uma força nacionalista armada. Seu primeiro comandante na Irlanda foi Michael Collins e, em certa época, Sean McBride foi chefe do estado-maior.

Desde sua criação, o IRA contou com o apoio de simpatizantes da comunidade irlandesa norte-americana. Explosões de bombas de responsabilidade do IRA, ocorreram na Inglaterra em 1939 e centenas de seus membros foram encarcerados. Durante a Segunda Guerra Mundial, centenas de adeptos foram presos sem julgamento na Irlanda. Em 1956, a violência explodiu na Irlanda do Norte e o IRA realizou uma série de ataques nas fronteiras, aumentando a violência contra os direitos humanos, tanto por parte do IRA quanto por parte dos unionistas do Ulster, o que acabou por fazer o IRA se dividir nas alas Provisória e Oficial (1969). O IRA Provisório (PIRA) e o Exército Nacional de Libertação da Irlanda (INLA) têm preparado até recentemente demonstrações, assassinatos e bombardeios na Irlanda do Norte e na Grã-Bretanha, isto inclui um ataque a bomba sobre todo o gabinete britânico em 1984.

Sua principal reivindicação é a criação de uma república independente na Irlanda do Norte, representada por católicos, que foi dominada pelos ingleses, protestantes. Os conflitos armados, apesar das diversas tentativas de implementação de um acordo de paz, estendem-se por anos, com atentados a bombas em lugares públicos. Tudo em nome de um suposto grupo ultranacionalista.

Há pendências na implementação do acordo de paz. A mais complicada delas refere-se ao desarmamento dos grupos paramilitares terroristas, dentre os quais está presente o próprio IRA. Gerry Adams (líder do braço político do 'Sinn Fein') insiste em conseguir uma cadeira para seu partido no governo da Irlanda do Norte, antes das armas serem entregues. David Trimble (Premiê do Parlamento da Irlanda do Norte) luta pelo oposto.

Para a ala mais radical do UUP (Partido Unionista do Ulster), de Trimble, o prêmio Nobel (recentemente concedido a Trimble e a John Hume – líder católico – pelas tentativas de encerrar o conflito na Irlanda do Norte) foi um julgamento antecipado. Eles afirmam que ainda não há paz na região. Em agosto último, após o cessar-fogo ter sido anunciado, um atentado terrorista na cidade de Omagh, de autoria de dissidentes do IRA, deixou 28 mortos e 220 feridos. O próprio Trimble reconhece que o processo não acabou. "Há muito trabalho a ser feito", disse nos Estados Unidos, aonde estava quando o prêmio foi anunciado. "A premiação é um reconhecimento da comunidade internacional em relação ao acordo. Espero

que (o prêmio) reforce o comprometimento de todas as partes envolvidas, o que inclui total desarmamento”, disse Hume.

O comitê do prêmio Nobel disse que os governos do Reino Unido, da Irlanda do Norte e dos EUA desempenharam importantes papéis para o acordo de paz. *“O prêmio Nobel poderá acelerar o processo de paz”*, disse o premiê britânico, Tony Blair: *“Eles são símbolos das duas partes da comunidade, têm assumido riscos pela paz e têm que assumir mais riscos, porque o progresso é necessário”*. Em Outubro de 1997, foi criado o Real IRA (IRA Autêntico), quando membros mais radicais do IRA deixaram a organização por não concordarem com a sua política de negociações e cessar-fogo. O fim da violência foi uma condição imposta pelos negociadores do processo de paz na Irlanda do Norte, que culminou com a criação, em maio último, de uma nova Assembléia para a região.

O IRA Autêntico não concorda com os termos do processo de paz, por entender que ele descarta de vez a possibilidade de uma futura reunificação da Irlanda do Norte com a República da Irlanda. Calcula-se que o grupo, que é baseado na República da Irlanda, tenha hoje cerca de cem membros. Entre os terroristas, há ex-integrantes do IRA especializados em armamentos e explosão de bombas.

Americanismo

*“I pledge alliance to the flag of / The United States of America, and
to the / Republic for it stands, one nation / Under God indivisible
with Liberty / And Justice for All”*

Juramento à Bandeira americana

Existe também, por parte dos próprios Estados soberanos, um grande incentivo em incitar sua população para um sentimento maior de nacionalismo. Os Estados Unidos são um grande exemplo disto. Todos os estudante, desde sua primeira série até a formatura do colegial, têm a obrigação de jurar a bandeira americana todos os dias pela manhã. Este juramento é contido de frases que exaltam o comprometimento que o povo americano deve ter para com sua pátria. Percebe-se que o povo americano legitima tal atitude pelo que já fora demonstrado, como por exemplo, em períodos de Guerra, sempre surge um grande número de jovens voluntários para servir à sua pátria; e, sempre que se toca o hino nacional, todos se viram para a bandeira, tiram os seus chapéus, coloca-se a mão no peito e, finalmente, canta-se o hino.

O povo americano já teve e sua história uma infinidade de líderes que nunca deixaram de exaltar o amor que sentiam pelo País como por exemplo o que dizia John F. Kennedy, em discurso inaugural na Casa Branca, “*não pergunte o que seu país pode fazer por você, e sim o que você pode fazer pelo seu país*”.

Nacionalismo no século XX

“O breve século XX foi uma era de guerras religiosas, embora os mais militantes e sanguinários de seus religiosos bebessem nas ideologias seculares da safra do século XIX, como o socialismo e o nacionalismo, cujos equivalentes divinos ou eram abstrações ou políticos venerados como divindades”

Eric Hobsbawn

Em todo o mundo, podemos constatar um avanço triunfante do “princípio de nacionalidade”. Percebemos isto, por exemplo, devido ao fato de que todos os Estados do planeta são nações e todos os movimentos de libertação tendem a ser movimentos de libertação nacional. Porém, ao mesmo passo que isto nos dá uma concepção de união, mostra-nos que, para isso ocorrer, fez-se necessário um avanço sócio-político, sobretudo naqueles locais onde as ideologias estão ou estavam em conflito.

Comparando o nacionalismo e as nações do século XIX e as do início do século XX, percebemos que são diferentes na sua funcionalidade. Se avaliarmos o conceito estudado com base na nova conjuntura dos Estados-nações, vemos que o foco do mesmo tem mudado constantemente de centro. Se, no século XIX, tínhamos o desenvolvimento quantitativo de um número de nações como fato central de transformação histórica, já na primeira metade do século XX, temos os movimentos por libertação e independência como prioridade nacional. Temos, portanto, a ideologia de emersão de Estados unificadores e emancipatórios. Os movimentos nacionalistas característicos, por sua vez, dos anos finais do século XX são, na sua essência, separatistas.

Considerações finais

O Nacionalismo, desde seu surgimento até os dias atuais, tem sido associado a diferentes conceitos e utilizado para fins adversos. Sendo ele uma tentativa de união coletiva, por vezes se subordina ao seu oposto, sendo instrumento de manipulação política e social para interesses

individuais. Provedor de estimulação para guerras ou paz (de acordo com a virtude de “*O Príncipe*”), o nacionalismo é uma controvérsia e uma tentativa de impor interesses econômicos camuflados sob uma ótica de patriotismo, tendo como ferramenta o xenofobismo. Algumas questões atuais são levantadas a seu respeito, como; o surgimento de um nacionalismo global, o nacionalismo enfraquecido pelos blocos econômicos (União Européia) e a democracia ofuscada por interesses nacionais. No Brasil, o nacionalismo não se encontra enraizado na cultura popular, talvez por causa da origem do Estado brasileiro, sendo o nosso estado imposto e colonizado por estrangeiros. Versão brasileira do fascismo, o integralismo pregava o governo ditatorial ultranacionalista, que promoveria uma limpeza do país baseada no lema “Deus, Pátria, Família”. Sua expressão partidária foi a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em 1932, que obteve grande apoio dos setores mais conservadores da sociedade, como a oligarquia tradicional, os militares e o clero.

Favorecido pelo quadro político da época e inspirado no fascismo italiano, o integralismo acenava para o perigo de que os comunistas ascendessem ao poder, a fim de manter os opositores sob vigilância constante e estabelecer um clima emocional tenso entre seus próprios partidários, que formavam grupos paramilitares capazes de dissolver as manifestações de esquerda.

Os integralistas promoviam uma luta constante contra o “perigo vermelho”. Em 1937, com o golpe de Estado dado por Getúlio Vargas, a Ação Integralista Brasileira foi dissolvida, assim como os outros partidos políticos. Entre os líderes do integralismo estavam Plínio Salgado e Raimundo Padilha.

Atualmente, o significado histórico decadente do nacionalismo é ocultado não apenas pela expansão visível das agitações étnico-linguísticas, mas também pela ilusão semântica que deriva do fato de que todos os Estados são hoje “nações” em termos oficiais, embora muitos deles não tenham nada em comum com o que o termo Estado-nação possa significar. Observamos, então, que todos os movimentos que possam obter a interdependência encaram a si mesmos como nações instituintes, mesmo quando evidentemente não o são. A crise do nacionalismo no final do século XX é, pois, a que se apresenta. Se um estado deseja se separar de um outro membro de seu país, por não gostar de estar vinculado ao mesmo, isto o torna uma nação?

O fato de haver a segregação, não trará o surgimento de nações e o fim de outras de maneira decadente? Cabe à ONU aceitar isto como um risco ao qual se deve correr para a evolução das sociedades? Certamente, a nação está em vias de perder uma parte importante de suas velhas funções, a de estabelecer a “economia nacional”, contribuindo em muito para esse novo quadro interpretativo da palavra nacionalidade.

Afinal, com o surgimento de organizações de todos os tamanhos, multinacionais, transnacionais, o número de organizações não governamentais e intergovernamentais supera em muito as governamentais, fugindo, portanto do controle dos Estados. Porém, vale ressaltar que isto não significa que hoje o nacionalismo não seja proeminente na política, ou que haja menos nacionalismo do que havia antes.

Hoje, ele apenas não é mais um termo adequado para descrever as entidades políticas descritas como tais. Ou seja, fazendo uma comparação com o início do século XIX, onde tínhamos o nacionalismo como “construtor de nações”, temos hoje uma estrutura nacional que não pode ser contida dentro de nações e Estados – nações de modo que o nacionalismo passa a existir de maneira subordinada, porém de grande importância, como catalisador nacional para outros desenvolvimentos.

BIBLIOGRAFIA

FAUSTO, Boris. *O Peso do Nacionalismo*. **Folha de São Paulo**, 09/11/1998

Saiba o que é o IRA autêntico. **Folha de São Paulo**, 18/8/1998.

Especialistas discutem nacionalismo judaico. **Folha de São Paulo**, 08/9/1998.

Irlanda do Norte Leva NOBEL da Paz. **Folha de São Paulo**, 17/10/1998.

GUIBERNAU, M. *Nacionalismos: O Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

KNUTSEN, Torbjorn L. *A history of International Relations Theory*. Manchester, Manchester University Press, 1997.

KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. Nova York, Touchstone – Simon & Schuster, 1998.

LUCKE, Rouben F. **Vício e corrupção no III Reich: O poder corrompido e devasso, cuja promiscuidade não admitia honra nem dignidade.** Curitiba, GRAFIPAR, 1979.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe.** São Paulo, Nova Cultural, 1996.

VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas.** Rio de Janeiro, Zahar, 1992.